

# Saudação a Marilena<sup>1</sup>

Walnice Nogueira Galvão

*Professora emérita da FFLCH/USP*

- <sup>1</sup> Saudação oferecida a Marilena Chaui no colóquio “Republicanismo e democracia”, realizado em sua homenagem na Universidade de São Paulo, entre 7 e 10 de novembro de 2011. Os artigos publicados neste volume da revista *Discurso* foram apresentados naquela ocasião.

discurso 45/2



## Prezada Marilena

O congresso destes últimos dias dedicou-se a estudar sua obra, que, como todos sabem, é vasta e profunda. Coube a mim, o que muito me honra, a tarefa de falar da pessoa.

Sem muito problema, pois tive o privilégio de acompanhar de perto seu percurso, ler seus trabalhos e privar de sua amizade.

Você surgiu como uma surpresa, uma nova estrela que despontava, entre os alunos do Departamento de Filosofia, na rua Maria Antonia (da qual somos todos filhos). Destacando-se de tal maneira que logo se tornaria uma candidata óbvia a ser bolsista na França e professora da casa.

De fato, você foi para a França bem a tempo de pegar 68 em Paris, e voltar para a Maria Antonia paralisada e ocupada pelos alunos. Um pouco antes, em seu mestrado sobre Merleau-Ponty, em meio aos elogios, os membros da banca comentavam os excessos de sua redação e de suas ideias, reclamando maior contenção e acabamento. Só que estes são traços de uma personalidade intelectual que não é a sua – porque a exuberância de seu estilo ainda se conhecia pouco.

Você logo ali, nesta sua primeira performance pública, destacou-se também por algo que seria marca de seu percurso: a combatividade. Um bicho raro: mulher, filósofa e aguerrida. Seu orientador, Bento Prado Jr., comentou na saída: “Marilena é uma leoa...” De Bento, lembraria ainda a graça com que se houve da difícil tarefa de ser seu mentor. Quando, há poucos anos, fez-se aqui mesmo um seminário para festejar seu título de doutor *honoris causa* pela Universidade de Paris/Vincennes à St. Denis, reparei que na palestra de Bento em sua homenagem ele não mencionou que tinha sido seu orientador e nem mesmo seu professor: nunca tratou você com condescendência, mas com admiração e amizade.

Não sei se é oportuno lembrar – para registro – o lance em que fui parar como suplente em uma das bancas de seus concur-

sos. Sucessivamente, dois membros da banca pediram demissão: o titular leu o memorial, não gostou, pediu demissão, entrou o suplente, o suplente leu o memorial, não gostou, e pediu demissão também. E isso em cima da hora. Você me telefonou, contou o que se estava passando e perguntou se eu podia entrar numa suplência, que você levaria a minhas mãos com urgência o memorial, para lê-lo e só então decidir se entrava ou não na banca. Eu concordei. Mas dali a um minuto caí em mim e devolvi o telefonema para lhe dizer que, conhecendo você e seus trabalhos, não precisava ler antes o memorial para aceitar, estava achando tudo isso um horror.

Lembro o episódio porque foi marcante em sua carreira oficial na Universidade, e os mais novos não têm noção dos percalços que enfrentamos. Mas à medida que o tempo passa, a gente vai-se transformando em “testemunha ocular da História”, e tem obrigação de transmitir aquilo que testemunhou.

Não poderia deixar de falar da boa filha – depois boa mãe e hoje afetuosíssima avó. Essa filha merecia que seu pai, cedo falecido, transcrevesse a máquina sua tese escrita a mão. E filha devotada de Dona Laura, a quem todos nós estimávamos e cuja elegância admirávamos. Por ter vivido mais tempo, Dona Laura teve a alegria de acompanhar sua carreira e partilhar de seu sucesso. Escreveram a quatro mãos um livro de culinária, em cujo lançamento as filas engrossavam a cada minuto e davam voltas no quarteirão. A boa filha levou a mãe a Paris, para receber o título de doutor honoris causa. E a acompanhou até o último minuto de seu AVC e de sua vida.

Fundadora do Partido dos Trabalhadores, você é um de seus mais notáveis florões, e o partido muito lhe deve, tanto pelo nível do debate interno a que você o conduziu quanto por sua exigência ética. E foi a serviço da redemocratização do país que você se destacou, empenhando sem titubear seus talentos, no delicado período da transição.

Sua participação no governo petista, que coincidiu com os

quatro anos da gestão Erundina na prefeitura de São Paulo como Secretária da Cultura, estabeleceu um marco inatingível.

De suas incontáveis realizações na secretaria, merece realce o ponto de partida. Como ninguém ignora, a secretaria se chama Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo. Todo secretário, então, construía estádios, dava verba para melhorias turísticas, etc. Mas você não. Você convenceu a prefeita a usar a verba para cultura. Fiquei tão surpresa ao saber que você gastaria nisso 5 milhões de dólares que fui perguntar ao Paulo Singer, secretário do Planejamento ou da Economia – enfim, o homem do dinheiro – se era dinheiro do BNDES ou do Banco Mundial, algo assim. Ele me explicou que não, que era a verba normal da secretaria, só que jamais fora empenhada em cultura.

Decorre daí a reforma da Biblioteca Mário de Andrade – e seu acervo, paralisado há 30 anos, foi renovado. Posso falar disso porque trabalhei, juntamente com muitos outros colegas, na seleção dos livros novos.

Mas não só. É bom mencionar os programas de leitura compartilhada instituídos nas bibliotecas públicas da cidade, para crianças e adultos, e que foram um grande sucesso. Lembraria ainda a abertura do Teatro Municipal para concertos e óperas a preços populares, num teatro que até então era alugado a companhias privadas que cobravam preços altíssimos pelas entradas.

Nessa época, tomei um táxi cujo motorista estava ouvindo uma gravação da opereta *O morcego*, de Johann Strauss, que eu assistira naquela semana mesmo, nesse teatro, numa encenação admirável. Perguntei se ele gostava de ópera – porque nós, os operáticos, somos muito poucos. Ele respondeu que tinha ido assistir *O morcego* todas as noites da curta temporada, o que remetia sua assiduidade à maneira grega e shakespeariana de assistir espetáculos, de que eu tinha ali um exemplo vivo. Isto é, já se conhece o enredo e já se sabe quem é o assassino: o interesse não reside nisso, mas no restante, que é o mais importante de tudo. Então, é só não impedir as pessoas de participar erguendo barreiras de preço

ou de outras coisas, porque elas são capazes de apreciar. Como disse Oswald de Andrade e você pôs em prática: “Um dia a massa comerá do biscoito fino que eu fabrico.”

Quanto a essa passagem pelo executivo, canso desde então de pedir a você que escreva um livro a respeito. Imaginem uma pessoa com essa bagagem escrever sobre uma tal experiência... Mas sua discrição e sua lealdade a impedem, e a História, ao que parece, será obrigada a se resignar à falta dessa extraordinária reflexão.

Essa é outra característica a ressaltar. Todos sabem que você é um expoente internacional do espinosismo, área rarefeita e sofisticada do saber. Seria bom enfatizar que você nunca se furtou a jogar todo o seu peso no que se chama “alta divulgação”, atingindo um público muito mais amplo que o círculo dos iniciados, democratizando sua reflexão. Afora a passagem pela Secretaria da Cultura (e o livro que você ainda há de escrever), seria bom registrar seus trabalhos sobre repressão sexual e sobre “o que é ideologia”, pequeno e crucial livro que ultrapassou a meta de 100 mil exemplares vendidos e marcou época. Desde então, e prosseguindo nessa linha, você tem escrito livros destinados a uma introdução à Filosofia, inclusive dissecando num deles os mitos do Brasil.

Uma última palavra sobre sua casa sempre hospitaleira, aberta aos amigos, e a suas proezas culinárias, que não poderiam ficar sem menção.

E à dedicadíssima professora, que prepara suas aulas com cuidado e erudição, fascinando pelo verbo. Sempre vista pelos corredores da Faculdade, carregando sua maleta marrom atulhada de livros, xeroxes para distribuir, trabalhos de alunos, fichas, seus próprios cadernos de anotações, e muitas coisas mais. Quem sopesasse a maleta podia constatar que não continha menos que uns vinte quilos de material didático.

Fazendo lembrar sua tese de livre-docência, tão volumosa que, quando um dos arguidores apareceu na banca com o pé quebrado e engessado, extraiu a bondosa observação de Michael Hall

de que, surpreendido pelas 800 páginas sobre Espinosa que seria obrigado a ler, de susto tinha derrubado a tese no pé.

Como é que seu tempo dá para tudo? É um mistério e um milagre.

Bem, vou encerrando por aqui, porque todos queremos ouvir a conferência que fará a seguir.

Marilena, em suma, trata-se do seguinte: posso dizer que minha vida ficou mais rica por ter conhecido uma mulher como você.

